

**FACULDADE SÃO JUDAS TADEU  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**BIANCA MACEDO DE OLIVEIRA**

**ALFABETIZAÇÃO SEM BA-BE-BI-BO-BU? É POSSÍVEL?  
Refletindo sobre outra proposta**

**Rio de Janeiro  
2016.1**

**FACULDADE SÃO JUDAS TADEU  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**BIANCA MACEDO DE OLIVEIRA**

**ALFABETIZAÇÃO SEM BA-BE-BI-BO-BU? É POSSÍVEL?  
Refletindo sobre outra proposta**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade São Judas Tadeu como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Professora Me. Ana Cecília M. Dias.

**Rio de Janeiro  
2016.1**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**BIANCA MACEDO DE OLIVEIRA**

### **ALFABETIZAÇÃO SEM BA-BE-BI-BO-BU? É POSSÍVEL? Refletindo sobre outra proposta**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade São Judas Tadeu como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, aprovado pela seguinte banca examinadora:

---

Orientadora Professora Me. Ana Cecília Machado Dias  
Faculdade São Judas Tadeu

---

Professora Me. Cristiane Bomfim Cruz do Nascimento  
Faculdade São Judas Tadeu

---

Professora Especialista Márcia Regina Fernandes Ribeiro  
Faculdade São Judas Tadeu

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 2016.

## **RESUMO**

O presente documento busca investigar os processos metodológicos discutidos atualmente no campo da alfabetização. Dentro da perspectiva que reflete sobre a não utilização das sílabas prontas e qual outra forma de trabalho e sistematização, visto que o nosso sistema de leitura e escrita é silábico alfabético. Tendo a pesquisa bibliográfica englobada aos seguintes teóricos como: Emília Ferreiro, Anna Teberosky, Paulo Freire, Magda Soares, entre outros, como base para fundamentar esta pesquisa, o texto faz um breve histórico da alfabetização no Brasil e as propostas metodológica nos dias atuais. A pesquisa de campo complementa o trabalho aproximando a teoria ao objeto da pesquisa, apresentando a história de professores de uma escola que acreditou numa visão nova de alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Cartilha. Métodos.

## **ABSTRACT**

This paper investigates the methodological processes currently discussed in the field of literacy. From the perspective that reflects on the non-use of ready syllables and what other form of work and systematization, as our reading and writing system is syllabic alphabet. As the literature search encompassed the following theorists such as Emilia Ferreiro, Anna Teberosky, Paulo Freire, Magda Soares, among others, as the basis to support this research, the text makes a brief history of literacy in Brazil and methodological proposals today. The field research complements the work closer to the theory of the research object, with the teachers of history of a school that believed in a new vision of literacy.

**Keywords:** Literacy. Booklets. Methods.

## INTRODUÇÃO

Lembro-me como se fosse hoje, o dia que entrei na escola pela primeira vez. Era uma escola pequena chamada Rocha Pombo, escola municipal, de Educação Infantil, situada no município do Rio de Janeiro, RJ. Eu estava com cinco anos de idade e desejei ser professora no momento em que conheci a professora Elisabeth, meu referencial por muitos anos de pessoa e mestra. Tudo era adaptado e organizado em miniatura para minha faixa etária: móveis, cadeiras, lavabo, privada, os brinquedos do parquinho. Lá eu desenhava, pintava, aprendia o meu nome, as cores...

No ano seguinte, foi tudo diferente. Mudança de escola, novas metodologias e muitos exercícios que eram cobrados para eu aprender ler e escrever. Nessas aulas, eu decorava. Decorar as famílias silábicas e as frases sem sentido. Além de traçar a letra cursiva no movimento “certo”. Até que em um momento como num passe de mágica, as letras fizeram sentido para mim e eu aprendi a ler e escrever. Eu fiquei maravilhada com toda essa aprendizagem, porém em sala de aula eu só podia escrever e ler o que a professora mandava.

Continuei boa aluna nas séries seguintes e a vontade de ser docente permaneceu comigo. Fiz magistério, anos mais tarde entrei na faculdade...

Quando recebi a incumbência de assumir uma turma de alfabetização, após fazer estágio e ser contratada numa escola com perfil construtivista, me deparei com o novo diante de mim. Lá não havia cartilhas, nem cartazes com famílias silábicas e tão pouco manuais para o professor. Contava com a experiência dos docentes mais antigos da escola e a orientadora pedagógica, que me ajudavam com o planejamento e dicas de uso de materiais. Mas isso era pouco.

Com o desafio de fazer este trabalho de conclusão de curso ao final da faculdade, resolvi unir a minha história ao novo desafio de ensinar sem cartilha. E para a pesquisa busquei um tema ligado a vida profissional, associado o que realmente eu precisava me aprofundar ao que traria um conhecimento significativo para o aperfeiçoamento enquanto docente.

Então o objetivo estava traçado: Refletir sobre as propostas de alfabetização. Para isso, precisava também conhecer concepções que norteiam a prática docente no processo de alfabetização, conhecer o legado de alguns autores-pesquisadores

da área, vivenciar o próprio exercício de pesquisa e o desenvolvimento da minha escrita. Daí assim nasceu o meu tema!

Abordar a alfabetização é extremamente importante. O Brasil ainda tem muito que avançar nesse sentido. Inclusive uma das metas do Plano Nacional de Educação é a alfabetização na idade certa, tendo em vista o número expressivo de crianças que chegam ao fundamental II com a leitura e escrita deficientes.

Tendo em vista que a alfabetização é algo muito mais complexo do que se parece, que é preciso refletir sobre o que é estar alfabetizado. Ser alfabetizado hoje é a mesma coisa que em diferentes épocas? O que a sociedade exigia anos atrás? E hoje? É ser somente capaz de codificar e decifrar símbolos? Logo, a importância de se buscar outras reflexões.

Durante muito tempo, era considerado analfabeto o indivíduo incapaz de escrever seu próprio nome. De um tempo para cá, o que define este indivíduo como analfabeto ou alfabetizado é o saber escrever um bilhete simples ou um recado, que são ações da escrita que a fazem ser uma prática social. Ser alfabetizado hoje significa incorporar as práticas de leitura e da escrita, adquirir competência para usá-la, envolver-se através de livros (assim como jornais, revistas, etc.), saber preencher formulários, escrever cartas, localizar-se em catálogos telefônicos, compreender uma bula de remédio entre outros (SOARES, 2009, p.39).

No contexto atual, a criança desde muito cedo está exposta a material de leitura e escrita em diversos tipos de linguagem. A escrita de imagens, de sinais e símbolos está em toda parte. Muito mais que entender esse código, que é o nosso sistema silábico de escrita, é entender o uso social desta, permitindo-a que seja mais significativa. Então conseqüentemente ampliará a leitura de mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo. (Freire, 1981).

Diante dessa perspectiva, faz sentido o uso maçante de cartilhas silábicas, que trabalham as sílabas isoladamente com palavras e textos que não fazem parte do cotidiano do aluno e do meio em que vive? Como seria tal metodologia, visto que por muitos e muitos anos essa era a maneira de alfabetizar?

E será que é possível alfabetizar sem fazer uso de sílabas prontas? Responder a tal indagação é o propósito desse trabalho que pretende refletir sobre uma proposta de ensino de alfabetização e verificar o que tem de mais significativo em relação às cartilhas que apresentam as famílias silábicas.

Para realizar a pesquisa e elucidar essas questões faz-se necessário ir de encontro ao material teórico de autores que abordaram esse tema, o que indica um trabalho de caráter bibliográfico.

## **1- Um passeio pelos métodos de alfabetização**

Ao entrevistar a dona da escola que leva seu nome, Jardim Escola tia Leila, localizada no bairro de Quintino-Rio de Janeiro, encontrei no seu próprio relato uma linha do tempo de alguns métodos de alfabetização. Leila Maria Esteves Ferreira, 68 anos, conta que foi alfabetizada pelo método tradicional da época, no ano de 1956. A cartilha usada era Alegria de ler, que apresentava famílias silábicas e textos curtos e simples que não promoviam nenhum desafio e atrativo para o aluno.

### **1.2 As cartilhas**

A palavra cartilha originalmente vem do grego Khártes, que significa “folha de papiro” de onde também se derivou a palavra carta.

Como não havia material de leitura impresso no início do século XIX no Brasil, a não ser a Bíblia e alguns documentos do império, utilizou-se então cartas, fragmentos de relatos de viagens e certidões como recurso de leitura. Textos esses que as crianças traziam de casa. Essa prática de usar cartinhas para alfabetizar também foi muito utilizada em Portugal.

Na outra metade do século, surgem livros nacionais com o propósito específico de alfabetizar. E o uso dessas cartilhas escolares passou a ser implantado nas escolas.

Quando direcionamos os estudos sobre os métodos de alfabetização encontramos duas concepções: a do método sintético e do método analítico. Cada método apresenta uma forma própria de desenvolver o processo de alfabetização.

Alguns exemplos utilizados no Brasil foram:



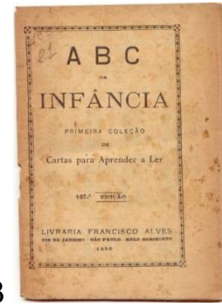
1

Figura 1: Cartilha Nacional



2

Figura 2: Cartilha da Infância



3

Figura 3: ABC da Infância

Fonte: MORTATTI, Maria R. Longo. "HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL" Acesso em 04/04/2016.

Essas cartilhas tinham como proposta o método sintético, onde primeiro aplicava-se unidades menores até chegar ao todo. A proposta do método sintético utiliza-se de correspondência entre o som e grafia partindo do aprendizado de letra por letra, sílaba por sílaba ou palavra por palavra. Sendo conseqüentemente conhecidos em: alfabético, fônico e o silábico.

No alfabético, o aprendizado constitui-se em aprender primeiro as letras, depois as sílabas (consoantes + vogal) e em seguidas palavras para formar pequenos textos. Enquanto no fônico, o som tem caráter mais relevante. Parte da junção do som da consoante com o som vogal para conhecer a pronúncia da sílaba formada.

No silábico, também chamado como silabação, o foco da aprendizagem são as sílabas prontas para copiar e decorar para então formar palavras. Este modelo, ainda é bastante usado nos dias de atuais, mas muitos criticam essa forma de sistematização, pois tem uma forma mecânica, com inúmeros exercícios de repetições das famílias silábicas. Sabe-se também que nessa proposta a leitura é mecânica e decodificada.

O método analítico, o inverso, parte do todo para chegar às partes. Utiliza textos ou frases e palavras como ponto de partida. Normalmente apresentam-se atividades com temática para criança analisando o todo até as unidades menores.

Nessa perspectiva, há uma prioridade na análise do texto e não somente a decodificação.





4

Figura 4: Nova cartilha



5

Figura 5- Cartilha Sodré

Fonte: Blog Caríssimas Catrevagens Acesso em 04/04/2016

Na década de 80, a cartilha Casinha Feliz colocou o método fônico em destaque no Brasil. Aqui o fonema tem maior relevância, ou seja, primeiro ensinava-se o som das letras para depois trabalhar com a escrita e leitura das vogais e consoantes.



Figura 6: A Casinha Feliz

FONTE: <http://espacoeducar-liza.blogspot.com.br/2009/12/cartilha-casinha-feliz-metodo-de.html> Acesso em 04/04/2016

Alguns professores do Jardim Escola Tia Leila, escola particular, localizada no bairro de Quintino, zona norte do Rio de Janeiro- RJ, relatam que utilizaram métodos parecidos como: O da Abelhinha, que associava o som das letras, o fonema, ao enredo da história da Abelhinha com os cartazes e as letras-personagens. O outro exemplo citado foi o do método da Lea Dupret, que também continha cartazes associando as letras às figuras, porém tinha a preocupação do som da sílaba. Já o Método Natural, também utilizado pela escola, foi aderido no Brasil pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro e teve como difusores Heloisa Marinho e Lourenço Filho. Ele consistia em oferecer certo repertório de palavras, onde a partir destas a criança produzia uma escrita espontânea. Outra característica eram jogos de análise sonora e gráfica que possibilitavam a percepção do som dentro do todo (palavra).

Por esse motivo o método Natural foi comparado ao método global, pois tinha como princípio o ensinamento primeiramente do todo, como a palavra, frase, texto,

ou até mesmo palavra-chave na proposta de Paulo Freire e o aluno em outro momento chegaria à compreensão das sílabas sem a necessidade de decorá-las.

Atualmente, a escola adota uma linha Socioconstrutivista, baseada nos pressupostos teóricos de Piaget e Vygotsky, mas não ignora o que há de melhor de outros pensadores.

A Diretora-professora afirma que as mudanças de propostas pedagógicas ocorreram porque qualquer profissional precisa se reciclar, inovar, buscando novas alternativas para o melhor desempenho do seu aluno. Para ela o papel da Educação na vida das pessoas é desenvolver todas as potencialidades do indivíduo (aluno) e para isso a proposta deve ter uma filosofia mais coerente.

Sendo assim, a alfabetização não pode ser simplificada como o ensino da competência da decodificação do código, embora seja um processo que precisa perpassar também por essa compreensão.

Segundo Cagliari (1998), a abordagem das cartilhas com relação à fala e a escrita atrapalham o processo de construção, pois as unidades isoladas (sílabas) não fazem sentido, ficando muito artificial. Além disso, toda a linguagem que é apresentada está muito distante daquela encontrada na vida.

O que significa que o grande empasse é que o recurso dos livros “cartilhas” não dá espaço para a criança criar e ser sujeito do próprio processo de ensino-aprendizagem.

### **1.3 O Construtivismo**

O biólogo suíço Jean Piaget ( 1896-1980) investigou os processos pelos quais as crianças adquire e elabora o seu conhecimento. A convivência com os filhos (1925-1931) oportuniza a sua observação diária das hipóteses sobre como surge a cognição humana, que o leva a intensificar seus estudos e testes sobre o pensamento infantil e raciocínio lógico. Suas descobertas o levaram a concluir que a criança tem um papel ativo e significativo no processo de aquisição de aprendizagem. Portanto, a origem do termo construtivismo.

Na perspectiva do construtivismo, a criança constrói hipóteses sobre algo ensinado e ao mostrar sua interpretação e supostos erros, evidencie a sua linha de pensamento e a partir daí será desafiada a fazer novas hipóteses e construções.

A psicolinguística argentina Emília Ferreiro\* (1980) transfere essas descobertas para a sua pesquisa sobre os processos que a criança passa para apropriar-se da leitura e escrita.

Diante dos resultados das pesquisas, que titularam como a Psicogênese da língua escrita, as autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky\*\*, evidenciaram que as crianças elaboram hipóteses o tempo todo sobre esse conhecimento. Elas não chegam vazias, portanto, precisam e devem ser parte central do processo.

“A história da alfabetização pode ser dividida em antes e depois de Emília Ferreiro”, diz a educadora Weisz (1999), especialista em alfabetização no Brasil, discípula da psicolinguística.

É interessante registrar que Emília Ferreiro e Ana Teberosky trabalharam num projeto experimental com crianças de quatro a seis anos com o objetivo de tentar explicar os processos e formas que levam a criança aprender a ler e a escrever.

Sem nenhuma pretensão de desenvolver uma metodologia da aprendizagem, as duas e outros colaboradores interpretaram esses processos do ponto de vista do sujeito (criança) ativo que aprende, elaborando e testando hipóteses cognitivas a cerca da escrita. Então, se observou que a criança mesmo pequena construía e reconstruía hipóteses, criando sistemas interpretativos a fim de compreender o universo ao seu redor.

Segundo Ferreiro e Teberosky (2007), na perspectiva da psicogênese da escrita, são necessários uma série processos de reflexões sobre a linguagem para passar a escrita convencional. No entanto cada hipótese atribuída se faz necessária para permitir a construção de outra. “Entendemos por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, desde que esta se constitui no objeto da sua atenção, portanto, do seu conhecimento” (p.18).

---

\* Emília Ferreiro - A psicolinguística nasceu no ano de 1936, na Argentina. Formou-se na Faculdade de Genebra, sendo discípula do biólogo Jean Piaget que desenvolvera um trabalho sobre a epistemologia genética relacionada ao desenvolvimento natural das crianças.

\*\* Ana Teberosky-Nasceu na Argentina e é uma das pesquisadoras mais respeitáveis quando o assunto é alfabetização. Sua parceria com Emília Ferreiro em Psicogênese da Língua Escrita trouxe uma nova visão sobre o aprender a ler e escrever. É doutora em psicologia pela Universidade de Barcelona.

De acordo com esse pensamento, as crianças passam por níveis de estruturas de linguagens até dominar a complexidade da escrita do sistema alfabético. Cada um dos níveis tem um valor significativo no processo, hipóteses/etapas que são superadas gradativamente. Os quatro níveis de escrita, que fundamentam a teoria da Psicogênese são:

- Pré-silábico (não há relação entre a fala e a escrita e só ela interpreta o que quis escrever).  
É muito comum nessa fase, a criança fazer relação entre o tamanho real das pessoas e os objetos às palavras escritas.  
Exemplo: AHDRPDDK - ELEFANTE / TONHADRP- BOI / HPD- FORMIGA
- Hipótese Silábica ( a criança representa cada sílaba da palavra por uma letra)  
Nessa fase pode apresentar uma escrita sem valor sonoro ou ir direto para escrita com valor sonoro:  
Exemplo: GBE – CAVALO    ou                    CVO- CAVALO  
                    QFA- MACACO    MAO- MACACO
- Hipótese Silábico-Alfabética (a criança percebe a existência da sílaba e tenta combinar os sons de vogais e consoantes, porém oscila com a hipótese anterior).  
A escrita apresenta alguma sílaba completa e outras não:  
Exemplo: CVALU – CAVALO / JCARE- JACARÉ / MCAO- MACACO
- Hipótese Alfabética (compreende o código da escrita, mas não enxerga as questões ortográficas).  
Nessa fase costuma transcrever fielmente a sua fala.  
Exemplo: CAVALU – CAVALO / COELIO – COELHO

Essas descobertas impactaram a alfabetização e desmontaram pensamentos teóricos e algumas explicações que justificavam o fracasso escolar. Através desses estudos que diferenciou alfabetização de ortografia. Sabe-se que os erros ortográficos não estão ligados a maneira de falar, mas acima de tudo à convivência com textos impressos ou não.

Outro dado interessante é que independente do método que a criança está inserida ela também perpassa por essas mesmas fases.

Na teoria de Piaget, o sujeito é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. O que Ferreiro e Teberosky descobriram foi que criança fazia algo bastante similar em relação à escrita. Ela, então sujeito, reinventa a escrita para fazê-la sua, um processo de construção e reconstrução. É nesse processo que ela vai descobrir novos caminhos e fazer outras construções.

Mortatti (2004) descreve a disputa entre métodos de alfabetização e fala do cuidado da questão do modismo, ou seja, das propostas defendidas por estarem na moda, sendo suas aplicações, muitas vezes distorcidas. A autora coloca que não é uma simples questão de romper com o velho e inserir o novo, até por que o novo teve que rever e perpassar pelo o que foi construído anteriormente.

De fato o ato de aprender a ler e a escrever demanda de uma complexidade de competências que precisam ser desenvolvidas para além de um processo linear.

Portanto, quanto mais respostas procurarmos sobre alfabetização, outras indagações surgirão.

## **2-Letramento**

Atualmente, no âmbito educacional, o que mais se ouve falar é a questão do letramento e sua a concepção. Mas o que é letramento?

O letramento (palavra que apareceu pela primeira vez por Mary Kato,1986) resulta da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social, ou indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais(SOARES,2009, p.33)

Não só de alfabetização (compreensão do código) sustenta-se a alfabetização, o letramento é muito importante e deve ser parte integrante desse processo. Analisar a língua escrita é fundamental e é no próprio uso que se constrói o conhecimento da sua funcionalidade.

Errôneo é pensar que um processo precisa estar separado do outro. Soares<sup>\*\*\*</sup> (2004) nos adverte quanto a isso, afirmando que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita - a alfabetização - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. (SOARES, 2004, p.14).

Só se aprende a ler e escrever, lendo e escrevendo. É fato. Para isso, é preciso oportunizar atividades que exijam do aluno utilizar estratégias e formular hipóteses sobre a linguagem no contexto que ela está sendo aplicada.

O grande problema das cartilhas vai além do trabalho excessivo e mecânico das sílabas, é a sua própria fundamentação baseada em sentenças e frases que não encontramos na vida real da nossa sociedade. Os textos não têm coesão. O que torna incoerente solicitar as crianças uma produção textual criativa e coerente. Não há como produzir algo que não foi inferido ao seu universo.

Nesse momento, com intuito de incluir esse aluno no mundo letrado, acaba por excluí-lo totalmente das práticas sociais da língua.

### **3- Criança, autônoma, enquanto sujeito que aprende e sabe fazer uso do seu conhecimento**

A escola tem como papel a formação do cidadão. Tem a função de socializar e inserir este sujeito na sociedade. Portanto, é de responsabilidade dela fazer o indivíduo: refletir sobre o seu papel enquanto sujeito, ser capaz de tomar decisões,

---

<sup>\*\*\*</sup> Magda Soares- Doutora em Educação, nasceu em 7 de setembro de 1932, em Belo Horizonte, MG. Formou-se em Letras Neolatinas na Universidade Federal de Minas Gerais. Depois do Doutorado envolveu-se em diversas atividades e discussões acadêmico-científico o que a levou a inúmeras conquistas, como a criação de sua Faculdade de Educação (FaE). Atualmente, embora aposentada, não interrompeu seu trabalho como pesquisadora e professora, tendo como destaque o projeto sobre alfabetização e letramento, em Lagoa Santa, MG.

sem que alguém lhe diga o que fazer e saber lutar pelos seus direitos de maneira justa e consciente.

Para atingir esse propósito é preciso que a proposta de ensino adotada também tenha os mesmos princípios filosóficos e pedagógicos, ou seja, é preciso haver coerência entre os discursos e as práticas. A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sinaliza isso:

Art.2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Os princípios de liberdade são fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança. A aprendizagem não precisa e nem deve ser um processo passivo. Quando nascemos sabemos muito pouco das coisas e não aprendemos por imposição e sim interagindo com os objetos e as pessoas do meio. Vamos construindo os conhecimentos a medida que vivenciamos as situações de aprendizagem de acordo com as possibilidades e interesses. Essas construções sinalizadas por Piaget são base central da proposta do construtivismo. Nela, a criança participa ativamente do processo ensino-aprendizagem, desenvolvendo suas competências de maneira autônoma e significativa.

A criança é um ser pensante. É preciso dar-lhe a oportunidade de criar a sua própria escrita. Elaborando estratégias e hipóteses sobre a língua até compreender a escrita convencional. Concomitantemente, é preciso atribuir significados sobre a forma e o uso dessa linguagem na vida.

Com as reformas educacionais, outras metas começaram a ser pensadas como: a formação do aluno-sujeito e autônomo, que este aluno deveria ser preparado para opinar e criticar, pois o mercado de trabalho não quer somente alguém para operar as máquinas, mas sim para criar mais e ir além delas.

Então agora a formação desse aluno é muito mais ampla. É preciso propiciar o desenvolvimento de suas habilidades e competências. Desenvolver o senso crítico. A LDB indica que:

Art.206 O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.III- pluralismo de ideias e de condições pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

Com isso, as escolas passaram a preocupar-se com a eficiência, com resultados que são para além de quantitativos, mas principalmente qualitativos.

Nesse sentido a gestão adotada implicará em todo segmento da organização escolar, desde a sua visão político pedagógico, na metodologia seguida, na relação dos papéis dos agentes de educação.

Algumas instituições ainda trabalham nos moldes do século passado. Outras dizem que são transformadoras, mas ficam somente no papel. Em suas práticas aparecem reproduzindo o conhecimento e pouco contribuem para o pleno desenvolvimento do educando.

Não há como querer que o aluno expressa-se de forma crítica, se na aula não oportuniza-se que ele fale. Não há como formar atitudes de solidariedade e cooperação com o outro, quando não se desenvolvem atividades em que aprenda a conviver e trocar. Não há como exigir ao aluno que tenha respeito pelo próximo, se não trabalha-se as diferenças.

Portanto, tamanha é a responsabilidade do professor e de todos os agentes de educação. É preciso fazer uma ponte da escola com a vida. Aproximar os conteúdos de maneira significativa. Possibilitar que os educandos reflitam e construam o conhecimento. Descubram o seu lugar no mundo, como sujeitos históricos que são.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi importante o processo de pesquisar e fazer um breve histórico da alfabetização bibliograficamente paralelo com as vivências dos docentes e pais de alunos na pesquisa de campo da escola em que trabalho. Com isso, pude observar, refletir, construir e desconstruir algumas concepções que tinha, fazendo do meu próprio exercício um aprendizado. As entrevistas “Como você aprendeu a ler e escrever?” e troca com outros professores alfabetizadores contribuíram bastante. Porém nada foi mais relevante do que ver de perto o próprio processo de aquisição de leitura e escrita acontecendo. Foi uma experiência ímpar na minha vida.

As cartilhas tiveram um papel importante, numa determinada época no Brasil, para um modelo de sociedade que não encontramos mais atualmente.



Com a quantidade e variedade de material escrito que produzimos e dispomos hoje, seria significativo utilizar dos mesmos padrões de aprendizagem? O treinamento mecânico das sílabas prontas faz algum sentido?

Como vimos no decorrer deste artigo, os métodos que observamos com uma abordagem mais global e com uso de textos do mundo real se aproximam mais do processo de alfabetização e letramento.

No entanto é preciso ter muito cuidado aos discursos de modernidade, mas que na verdade não seguem linha metodológica nenhuma.

Há uma distância grande entre o discurso e a ação, ou seja, o falar e o fazer. Muitos docentes apresentam-se como: democráticos, atualizados e críticos. No entanto, nas suas práticas educacionais, utiliza-se de recursos e metodologias que não são coerentes com os objetivos que se almeja atingir. É uma falácia. A educação está sendo cada vez mais desvalorizada por esse motivo. Precisamos realmente querer mudanças e estar em movimento, seguindo em frente. Chega de repetir modelos fracassados de gestão e vertentes pedagógicas que não condizem com o nosso contexto e a nossa realidade. Por isso, todos os educadores e os envolvidos com a Educação devem compreender o significado do seu papel e sua responsabilidade com o elemento principal desse processo: o aluno.

Só teremos uma sociedade mais humanista, solidária e justa, se oferecermos uma educação baseada nesses princípios. Não há como colher aquilo que não plantamos. É preciso sair um pouco da utopia e começarmos a fazer cada um a sua parte, mesmo que seja aos poucos e que demore. Há processos que precisam de longo prazo para ser concretizados. O processo educacional é um deles. Precisamos resgatar valores, promover o ato de pensar, de falar, de ouvir, de sentir, de compartilhar. Precisamos fazer muitas leituras. Leitura desse mundo em que vivemos, para alcançamos o mundo em que sonhamos.

**“... o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente no meio da travessia.”**

**(ROSA, Guimarães, 1982, p.74)**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. MEC – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 19 nov. 2015.

BRASIL. MEC – Ministério da Educação. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Currículo na Alfabetização: concepções e princípios*. Brasília: 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/> Acesso em: 22 nov. 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu*. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: ArtMed, 2007

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

\_\_\_\_\_. *Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas - 1981*.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002. 173 p.

MORTATTI, M. do R. L. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo – 1876/ 1994. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Educação e letramento*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1982.

SANTANA, F. C. B. de. *Alfabetização: um desafio para um novo tempo*, Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 12, p. 66 – 84, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net>. Acesso em: 26 jan.2016.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Letramento: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida ao Jornal do Brasil em 26/11/2000. Disponível em: <http://quintalmagico.com.br/educar-e/letrar-e-mais-que-alfabetizar> Acesso em: 20 out. 2015.